



Sociopoética:

Método autogestionário na produção de conhecimento em economia solidária

Adriane Vieira Ferrarini

Docente e pesquisadora do Programa de Pós graduação em Ciências Sociais da Unisinos

O que é a sociopoética?



- Método de construção coletiva do conhecimento
- Pressupostos básicos: os saberes são iguais em direito e é possível fazer da pesquisa um acontecimento poiético (do grego *poiesis* = criação)
- Propõe a articulação autogestionária do grupo
- Método fundado pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier, a partir de suas experiências com o povo indígena Kanak ou Nova-Caledônia, no Pacífico, em sua luta contra o colonialismo francês com pedagogias alternativas de eco-desenvolvimento sustentável

Diferença de outras metodologias participativas



- Não apresenta intencionalidade conscientizadora;
- Não pré-determina seu público-alvo em termos; socioeconômicos, embora valorize pesquisas com os grupos considerados dominados;
- Não busca diagnóstico ou resolução de problemas;
- Não está centrada na análise das contradições que explicita determinantes estruturais;
- É outra leitura da pedagogia de Paulo Freire.



Vertentes Teóricas



- Paulo Freire: respeito mútuo e troca entre saberes intelectuais e populares
- Análise Institucional: noções de dispositivo e de *analisador* e *análise das implicações* para identificar fenômenos e saberes ocultos, tanto na organização quanto no pesquisador (diário de itinerância)
- Esquizoanálise: conceito de *devir*, linhas de desterritorialização (subjetividade produzida socialmente: multiplicidade ao invés de identidades)
- Teatro do Oprimido Boal: “o corpo pensa” = não separa “a razão e outros modos de pensar (intuição, emoção e sensação)
- Escuta sensível de Barbier: “*não julga, não mede, não compara*”. Assume o “vazio criador” diante da complexidade de referências do grupo, deixando-se “*surpreender pelo desconhecido*” que emerge inclusive nos silêncios₄



Princípios da Sociopoética



- **Grupo-pesquisador:**

- pode ser proposta por uma pessoa, mas é negociada entre os parceiros

- o pesquisador acadêmico é somente facilitador, traz a proposta e participa do processo. Ele

precisa formar-se para desenvolver sua sensibilidade, flexibilidade e criar espaços de acolhimento e de integração

- o conhecimento é produzido coletiva e cooperativamente

- o conhecimento acadêmico contribui na leitura dos dados produzidos pelo grupo, no sentido de perceber as estruturas implícitas do pensamento

- igualdade de conhecimentos não é a negação das diferenças -permite a fricção de saberes

- o grupo é a alma da sociopoética, é o sujeito que conduz a pesquisa sobre si mesmo, autor e ator da pesquisa



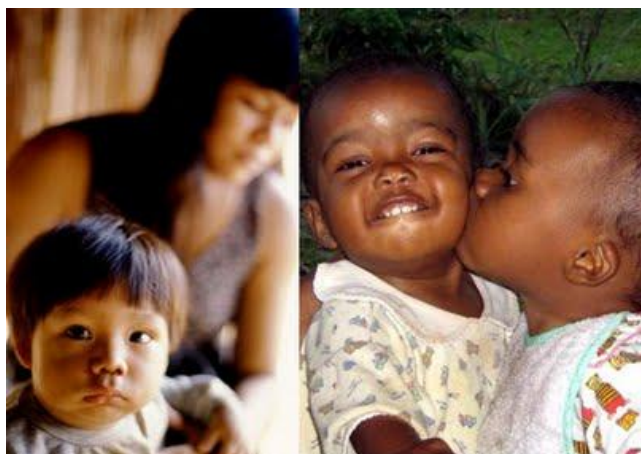
Princípios da Sociopoética



- **Culturas de resistência (visão intercultural):**

- não somente dos negros e índios, mas, por exemplo, a cultura do cliente em relação à do profissional (pois assim como o pesquisador, é colonizado pelo saber tradicional)

- valoriza aspectos emocionais e espirituais



- **Múltiplos saberes:**

- o corpo inteiro (emocional, intuitivo, sensível, gestual, racional e imaginativo) é portador de marcas históricas e fonte de conhecimento (relacionado às opressões sofridas pelos povos colonizados)

- o sujeito pode fechar-se numa couraça. A pesquisa toca nisso, por isso deve usar dispositivos de forma sensível e ética, respeitando o direito de participar ou não

Princípios da Sociopoética



- **Técnicas artísticas:**

- para a produção de dados (emergência de pulsões e conhecimentos sociais e individuais inconscientes recalçados, inscritos na profundidade do corpo ou na superfície da pele)



- **Sentido ético e político:**

- grupo interroga os sentidos da pesquisa e suas formas de socialização. Muitas vezes isso orienta a pesquisa em caminhos imprevisíveis e fecundos
- participa do contexto das relações de poder e saber dentro da própria comunidade envolvida e dessa com a sociedade

Passos do Método

“o caminho se faz caminhando”



1-Entrada no campo:

- Apresentação dos fundamentos teórico-metodológicos;
- distinção entre encomenda e demanda para definição do tema gerador;
- técnicas de relaxamento e introspecção para aflorar representações sobre o tema - criação de imagens por cada um e sua representação como escultura com os corpos dos parceiros (Boal);
- socialização das diferentes interpretações de cada cena;
- comentários registrados.





Passos do Método

2-Produção de dados:

- relaxamento
- técnica de imagem congelada e escultura de corpos. Pode haver o “coringa”, que é uma pessoa de meio diferente para revelar o implícito do grupo.



3-Análise e não-análise:

- discussões em que o conhecimento é cooperativamente construído; é dialógica (Paulo Freire) e polifônica (Bakhtin). Alimenta-se no confronto da visão (intuições, análises e críticas) de todos. Não se busca síntese reconciliadora; mantém a diferença tensa das vozes no resultado final.

Passos do Método



4-Conclusões hipotéticas:

- advém da capacidade de formulação do pesquisador acadêmico (não é a sua verdade)
- o facilitador volta aos co-pesquisadores/as para submeter essas conclusões (sob a forma de hipóteses) ao crivo de sua avaliação, bem como para fazer perguntas de esclarecimento
- é o momento de *contra-análise*, fundamental para que o/a pesquisador(a) facilitador retifique, re-examine e torne mais precisas suas reflexões. Nesta fase pode ser interessante ele trazer seus estudos (geralmente muito extensos) de forma mais sintética e comunicativa.

5-Construção de categorias e conceitos novos

Passos do Método



6-Interpretação

- assembleia geral para contra-análise das conclusões. Podem surgir desencontros e divergências, pois qualquer membro do grupo pode manifestar-se
- não se busca harmonia nem consenso, pois tensão cognitiva não resolvida pode revelar problemas complexos e ajudar na sua expressão rigorosa, assim como favorecer a emergência de devires
- certo encontro e harmonização é igualmente possível
- o facilitador tem a responsabilidade de fazer com que a pesquisa encerre com um processo que reafirme o carinho mútuo e os ganhos do grupo em termos de devires, afetos e conhecimentos.

Passos do Método



7-Socialização:

- o grupo-pesquisador decide a melhor forma: publicação, peça teatral, exibição, debate, etc.
- cuidar para não favorecer apenas uma forma de socialização significativa para o facilitador, mas também para o meio institucional, social e/ou comunitário dos/as co-pesquisadores/as

Economia Solidária (ES)



- É uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano e não do capital.
- Pauta-se pelos princípios democráticos da autogestão.
- É multidimensional (social, econômica, política, cultural e ambiental).



Sociopoética e Economia Solidária (ES)



- Possibilita a construção democrática de conhecimento, vindo ao encontro dos princípios que regem a gestão do EES e a formação pautada na educação popular

Uma Experiência Sociopoética com Trabalhadores(as) da ES



Construção do Tema

- Pergunta: **O que os EES realmente querem dos apoiadores?**

“Tem 300 apoiadores dando diagnóstico, mas ninguém dá o diagnóstico para aquilo que ele (o EES) quer”. “Os EES não querem o peixe, querem o anzol”.

Produção de dados



- Através de técnicas de relaxamento, “esculturas”, desenhos, relatos e diálogo

Opressões Externas ou Verticais



São aquelas realizadas por sujeitos ou grupos que não são trabalhadores da economia solidária ou são considerados pelos trabalhadores como pertencentes a um nível hierárquico superior, seja por serem portadores de reconhecimento acadêmico ou por cargo político.

- É uma luta desigual, em que os poderes (tanto políticos quanto econômicos) são diferenciados. Há uma hierarquia que se impõe e muitas vezes é preciso se **submeter** para avançar na luta, mas “a gente não é super-herói (...), gente precisa chorar, a gente também precisa abrir o nosso coração” (3).

“Eles são manipulados e não sabem (2)

“O gestor falou, porque o fulano lá da Universidade disse isso e é assim que tem que ser” (6).

Opressões Externas ou Verticais



- **liberdade vigiada:** EAF e gestores tomam as decisões, seja por imposição ou porque os EES seguem o que eles dizem sem questionar
- **EAF e gestores não visam a autonomia dos EES:**
 - “O teu empreendimento ele não pode estar avançando, ser auto-suficiente tu tens que estar sempre...” (4).
 - “Incoerência numa incubadora, tu crias o filho para o mundo” (6)
- **EES precisam se submeter para ter acesso ao apoio e recursos:**
 - Se eu precisar de um projeto, hoje a entidade vai estar fazendo (...) Pelo menos a entidade faz isso pra mim. Entendeu? Vou abrir uma porta, se o gestor não vai falar lá no edital eu não vou conseguir estar lá. Eu preciso do gestor do meu lado” (6).*

Opressões Externas ou Verticais



- **EAF são parasitas**

“Estão sugando... Isso [a economia solidária] é legal, isso está na moda, eu vou apostar nisso aí,

“Se corromperam! Política!” (6).

“Política! O dinheiro!” (2).

“Problema político partidário” (6).

“E a gente vê isso diariamente, né?! Vários projetos, várias coisas, e quem é que está ganhando com isso aí? Quem ganha? Alguém da economia solidária? Não! Os empreendimentos estão lá, estão fazendo e quem está ganhando são eles lá atrás de graça em cima daquele pessoal que está trabalhando e achando que está fazendo grande coisa porque são pessoas que... Eles sabem quem eles pegam pra manipular” (2).

Opressões Externas ou Verticais



- **Uso ou omissão do nome quando interessa**
- **EAF fazem procedimentos irregulares:** “funcionários fantasmas”, terceirização de mão-de-obra com aviltamento do valor do produto final pago ao trabalhador terceirizado para honrar contratos que uma EAF fez para um EES, sabendo que ele não daria contacomprovações falsas de atividades.

“Fazem pior que o capitalismo” (4).

Opressões internas ou horizontais



- Espera-se que a economia solidária seja um espaço de acolhida e solidariedade, mas nos deparamos com uma reprodução das práticas competitivas e discriminatórias.
- Subjetividade capitalística- Impondo-se como fonte de moral e cultura, onde a concorrência é fonte de felicidade, mas que na realidade deixa o ser humano na angústia da solidão, tendo que lutar, competir contra todos, para poder sobreviver.

Submissão: o outro lado da opressão



- **Não ver, não falar, não ouvir, não sentir, não reagir:**
De todas as categorias, foi a mais presente. Devido a questões de falta de habilidades comunicacionais, como estratégia (“perder a batalha, mas não perder a guerra”)
- **Não reagir: submissão ou sabedoria?**
Os três macacos sábios: É uma forma de lembrar que, se os homens não olhassem, não ouvissem e não falassem **o mal alheio**, teríamos comunidades pacíficas com paz e harmonia.
- **Não esperar a salvação**
- **A emancipação é processo e resultado**
- **A pessoa é diferente da causa**

Conclusões

O que os EES realmente querem dos apoiadores?



- **Campo da formação** apresenta-se **dividido** entre aqueles que têm os **princípios solidários e autogestionários** no cotidiano do trabalho associativo e na militância política e aqueles que se valem de um “**modismo**” em torno das ideias da economia solidária e da sustentabilidade para acessar recursos - sem adesão ao projeto éticopolítico - através da criação de organizações sociais com finalidade de formação e apoio à economia solidária. Ainda que considerem uma minoria, mas com tendência crescente frente ao aumento de recursos financeiros disponíveis pelos editais do Governo Federal, uma realidade de perpetuação de práticas utilitaristas, autoritárias e até mesmo a falta de transparência e a utilização de mecanismos e expedientes dissimuladores a fim de garantir o acesso a recursos financeiros provenientes de editais no campo da formação em economia solidária.

Conclusões

O que os EES realmente querem dos apoiadores?



- **Princípios da educação popular:** ficam comprometidos
- Expectativa dos trabalhadores: planejamento em conjunto com os trabalhadores sobre o tipo de formação ou assessoria para cada EES = “**formação participativa**”, na qual há, desde o planejamento da capacitação ou assessoria, uma ação negociada, de modo que os apoiadores coloquem os instrumentos e conhecimentos a serviço das reais necessidades dos EES, bem como adequação do linguajar e das técnicas de acordo com o perfil socioeducativo e cultural dos trabalhadores.
 - = **Fórum alternativo dos EES:** em que sejam os horários dos EES sejam respeitados
 - = **conselhos municipais:** evitando irregularidades com o uso de verbas públicas, assim como exercendo um debate técnico-político sobre as ações realizadas por gestores e EAF a fim de garantir os interesses do movimento de economia solidária.

Conclusões

O que os EES realmente querem dos apoiadores?



- **Validação do trabalhador como sujeito da formação:** e no reconhecimento dos saberes práticos oriundos do trabalho associativo nos processos formativos, que nada mais é do que levar-se a sério e de forma radical o princípio político-pedagógico da educação popular. A educação, que é essencial para o avanço da economia solidária, só pode ser aquela que começa por negar que os papéis de educador e de educando sejam desempenhados sempre pelas mesmas pessoas. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1983). Limites: não remuneração do trabalhador
- Não se trata de criar um **antagonismo** entre formadores “acadêmicos” e “populares”, ao contrário, romper com o que parece ser o antagonismo já instaurado

Ao final...



- “No CFES é maravilhoso porque não tem algo que tu vai dar palestras. As pessoas têm que entender e fazer a sua escolha” (6).
- Autogestão da pedagogia, “muitos se revelaram...” (exercício de novas habilidades, do trabalho coletivo e empoderamento no processo, mais do que resultados)
- “Linguajar catedrático” (“socializar, problematizar e sistematizar”) + siglas = obstáculos à participação, sentimentos inferiorizantes

“Hoje eles [os formadores facilitadores dos cursos] já aprenderam (4)”

“ser formador é socializar (6)”

... “Até o socializar tem que ser ressocializado” (5).

- Problemas de tradução, reconhecimento pelo silêncio (não é bom na educação popular)

Desafios



- Lideranças que se qualificam e passam a deslegitimar os trabalhadores do EES, que elas próprias representam através de falas, como essa que foi exemplificada: “Eles estão lá na produção e comercialização e não entendem” (4).
- Nas EAF tem muitas pessoas que já foram do movimento e quando passam para o outro lado ficam só com a coisa “de-formação” (3)
- Atividades de comercialização: “Não era feira solidária, era solitária” (2). “As pessoas brigam porque entra o dinheiro. Não vemos essa lógica tão perversa na produção” (3);
- Dilema do crescimento
- “Economia solidária é como casa de passagem para muitos” (converge com SIES) – como lidar com a necessidade de formação permanente dos novos membros?

Garimpando os Saberes da Prática



- “Formação boca a boca”, no dia-a-dia, integra educação à vida e restringe a espaços formais
- Postura do antropólogo que valoriza o saber ouvir
- Roda de conversa – sem formação planejada
- Fazer e ser ou dar o exemplo, teoria e prática -as atitudes para mudar paradigmas
- Falar na primeira pessoa ao invés de dar conselhos; dar seu testemunho
- Humanizar os espaços de produção e trocas econômicas e de formação através da valorização de cada um
- Ser uma família

São, ao mesmo tempo, técnicas, concepções e epistemologias de uma nova pedagogia para a economia solidária, nova não porque nunca se ouviu falar delas, mas porque foram reinventadas pelos sujeitos que as trazem a partir de uma síntese de suas vivências.

Análise Teórica



- Ênfase na dimensão epistemológica, negligenciada, que valoriza a dimensão conhecimento nos processos de regulação e de emancipação
- Teoria crítica pós-moderna: todo o conhecimento crítico começa pela crítica do conhecimento.
- Hoje, não buscamos um “norte”, mas um “sul” para a emancipação. Surge necessidade de as pessoas não falarem somente pela linguagem hegemônica: possibilita desconstruir mecanismos ou processos implícitos de ocultamento e silenciamento de saberes, de valores e de práticas, ou seja, identificar resíduos eurocêntricos e colonialistas

Vantagens do Método Sociopoético



- Trabalhadores tornaram-se pesquisadores, capazes de construção de conhecimento sobre si mesmos
- O grupo fortaleceu seus vínculos (autoconhecimento e autogestão se constituem na própria auto-organização)
- Dimensão “terapêutica” do ato de pesquisar: participantes compartilharam suas dores e resignificaram suas histórias
- Foram momentos prazerosos e inesquecíveis para todos
- O conhecimento produzido excedeu as expectativas da prática usual

Limites ou Peculiaridades do Método Sociopoético



- Exige disponibilidade de tempo, recursos e abertura dos participantes
- Sem forte coesão grupal (prévia ou a ser construída), o processo pode não “decolar” com espontaneidade e exigir adequações
- Requer habilidades e atitudes não convencionais do pesquisador-facilitador
- Pode não haver um produto final



UNISINOS

Grupo Ecosol

www.ecosol.org.br



“O objetivo não é de cuidar nem de fazer adoecer, ainda menos de salvar ou condenar – posições imperiais de poder eticamente intoleráveis. O objetivo é de conhecer, aceitando devires nem sempre prazerosos, mas sabendo contê-los nos limites definidos pelo próprio grupo, que passam pelo respeito mútuo e pela autogestão cooperativa do grupo-pesquisador. Nas numerosas pesquisas sociopoéticas realizadas em várias áreas e instituições, os grupos-pesquisadores experimentaram inesquecíveis momentos de prazer e alegria”. (Jacques Gauthier)